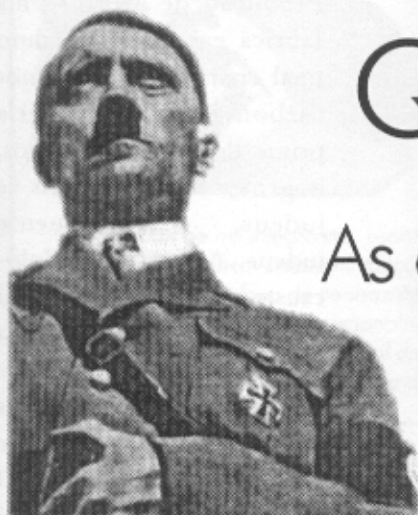


O AUTORITARISMO QUE MATA



Louco? Gênio? Hitler

As circunstâncias e conseqüências do Terceiro Reich

ANA SPOHR, GEIZA ROCHA, LUCIANA PEREIRA E RACHEL ESCANSETTE

Hitler. Holocausto. Nazismo. Marcas da modernidade e do século XX que não cansam de ser lembradas e estudadas. De que forma elas permanecem? Ao lembrar as velhas sombras do passado, os movimentos neonazistas ressurgem com a força do líder austríaco Joerg Haider, que chegou ao poder em fevereiro deste ano 2000, ocupando exatamente a chancelaria, mesmo ministério que marcou o início da ascensão de Hitler em 1933.

Coincidência ou não, a extrema direita austríaca de hoje se assemelha, e muito, ao nazismo de Adolf Hitler, que também nasceu na Áustria no período entre guerras. As marcas registradas desses movimentos são a xenofobia e o nacionalismo exaltado, que vêm preocupando, mais uma vez, países da Europa e os Estados Unidos.

Personalizando o movimento nazista contemporâneo, os *skinheads* retomam os princípios de Hitler, especialmente no que diz respeito às perseguições a judeus, homossexuais, negros e qualquer raça que não seja a branca. "Qualquer pessoa que não seja superior e branco como nós, deve ser eliminada", disse o *skinhead* inglês E.R.K respondendo a perguntas sobre o

movimento em entrevista por e-mail.

Para quem não sabe, o grupo *skinhead*, que significa careca em português, surgiu na Inglaterra na década de 60, quando os movimentos de esquerda ganharam força em todo mundo. Porém, foi nos anos 70 que eles passaram a atuar de forma mais organizada visando, principalmente, a Europa, onde encontram campo fértil para a propagação de seus ideais. Atualmente, como os países europeus e, especialmente, a antiga Alemanha Oriental enfrentam sérios problemas de desemprego, os neonazistas utilizam este tema para atrair novos militantes. Culpam judeus e estrangeiros pela situação que enfrentam, afirmando que eles tomam os empregos que deveriam ser dos alemães.

"O mundo está internetizado e é aí que vamos atuar"

Na década de 90, os *skinheads* começaram a ganhar força no Brasil (veja box) e encontraram na Internet um lugar democrático para propagar suas idéias. Francisco Oliveira,

editor-chefe da revista Raça, não acredita que a Internet possa unir os neonazistas do mundo.

- Acho que o preconceito em todas as áreas acaba sendo uma doença e não acredito que a Internet sirva de portal para esse tipo de ideologia, mas sim como um meio de acabar com ela -, frisou o editor em sua entrevista para o site Varsóvia On Line ([ww.varsovia.jor.br](http://www.varsovia.jor.br)), que trata de assuntos ligados ao nazismo.

De qualquer forma, não podemos ignorar a forma de organização dos *skinheads* que já possuem milhares de páginas na Internet e diversas músicas que enfatizam a violência. "O mundo está internetizado e é aí que vamos atuar", avisa o *Skin* inglês R.G.J.

Como tudo começou...

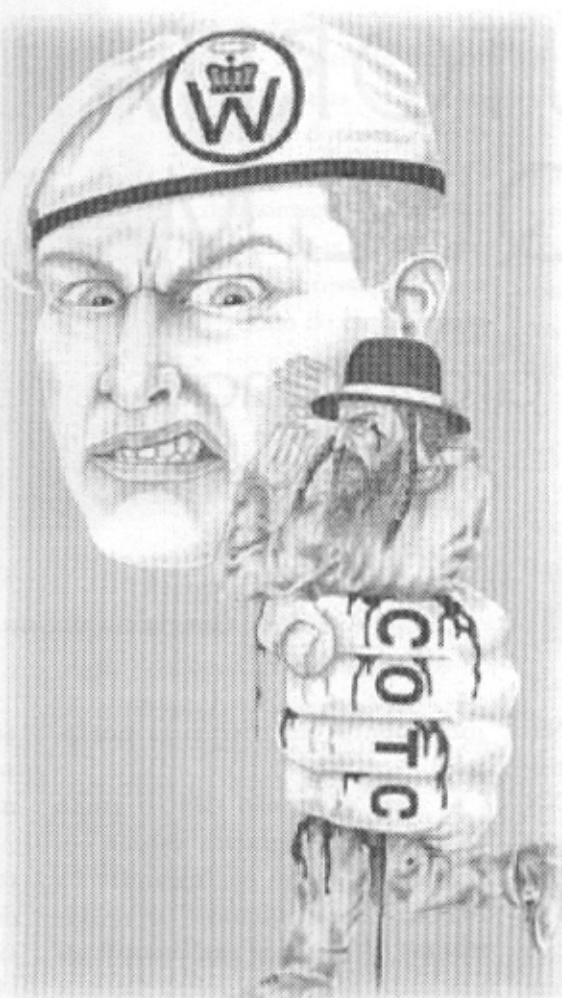
Uma das questões colocadas com o surgimento do nazismo é a relação entre a subida de Hitler ao poder e a realidade social caótica que possibilitou sua escalada. Como a reação aos momentos de crise nos países é sempre muito semelhante, nunca é demais lembrar do que aconteceu na Alemanha para evitar que este tipo de autoritarismo se repita.

Após a Primeira Guerra Mundial, houve uma tentativa de se

instaurar uma ordem, ainda que ideal, ignorando a crise que o pagamento das dívidas de guerra acarretaria. Um governo democrático, a República de Weimar, ligado aos ideais humanistas e artísticos da Alemanha e do mundo, não conseguiu manter a ordem pretendida. Um dos motivos foi que a tentativa de instaurar esta nova ordem trouxe novamente antigos vícios e fantasmas para a Assembléia de Weimar.

Além disso, acontecimentos como uma guerra sangrenta, o ressurgimento dos militares como fator político, a frequência dos assassinatos políticos, a imposição do Tratado de Versalhes e a inflação astronômica marcaram os primeiros quatro anos do pós-guerra e deram um novo alento aos militaristas fanáticos, a anti-semitas e xenófobos de toda espécie e à burguesia assustada com o espectro da socialização. A tentativa de voltar a um estado anterior à guerra fez com que a crise aumentasse vertiginosamente e o povo alemão, assustado com o comunismo, manifestou sua insatisfação possibilitando a subida do nacional-socialismo, mais tarde conhecido como nazismo, ao poder.

A situação de violência orgânica e desespero permitiu que Hitler surgisse sob a imagem de solução. Entre uma experiência insatisfatória corrente e algo que parecia novo e místico, o povo alemão optou pelo novo.



Apesar de ter perdido as eleições presidenciais em 32, Adolf Hitler foi escolhido, em 30 de janeiro de 1933, para ser chanceler alemão e só deixou o poder no final da Segunda Grande Guerra, em 1945. Em 34, após a morte do então presidente alemão, Hitler propõe a formação do III Reich e se intitula *Reichsführer* (o guia do império). Em 1º de setembro de 1939 Hitler dava início à Segunda Guerra Mundial com a invasão da Polônia.

Holocausto - marca da modernidade

Produção de Morte. Uma fábrica em que o produto final eram corpos humanos carbonizados. A matéria prima da fábrica? Ciganos, negros, homossexuais e judeus, principalmente judeus. Assim foi o Holocausto. O horror que durou dez anos e que será a marca do século XX não apenas pelo número de mortes, mas pela justificativa lógica e racional que apresentava. O número total desse horror: 6 milhões de judeus exterminados nos campos de concentração. A acusação: eles seriam os responsáveis pela crise econômica em que se encontrava a Alemanha, além de serem os responsáveis por todos os males que pairavam sobre o mundo!

Para o professor do Departamento de História da PUC-Rio Antonio Edmilson, o Holocausto é o símbolo da cultura da violência das guerras.

- O importante é entender por que ele aconteceu - questiona o professor Antonio Edmilson - A modernidade proporcionou a perda do humanismo. Esta perda permitiu que um projeto nazista fosse aceito pelas pessoas.

O projeto nazista promovia o "embelezamento" do mundo. Queria exterminar o que para os nazistas era considerado grotesco e o diferente. Era

Neonazistas se espalham na Rede

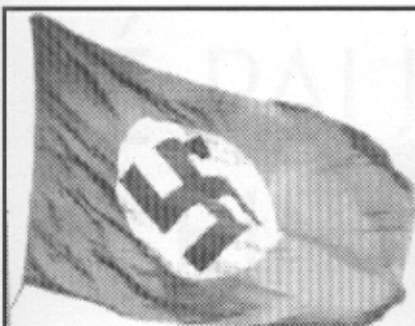
SKINHEADS

of the Racial Holy War



ECLÉTICA

12 - JAN/JUL 2000



O MOVIMENTO NO BRASIL

Os skinheads brasileiros existem há décadas, mas começaram a atuar de forma organizada em 1992 atingindo, principalmente, São Paulo. Além de Hitler, os skins têm como ídolos nacionais o fundador da Ação Integralista Brasileira, Plínio Salgado, que tinha orientação nitidamente fascista e Gustavo Barroso, teórico do integralismo.

Além da cabeça raspada, os skins brasileiros, que já somam mais de mil integrantes, usam suspensórios e roupas típicas dos operários das décadas de 30 e 40. Também possuem canções nacionais e páginas de cunho neonazista na Internet. Curitiba é o maior foco de neonazistas no país, acumulando mais de 50 integrantes, segundo o estudo da Skinhead Internacional, entidade mundial de combate ao neonazismo. Diferente das outras cidades, os skins do sul do país são, em sua maioria, de classe média e atuam sob a facção "Carecas do Brasil", uma das mais fortes correntes em nível nacional.

um projeto estético que se faria com a erradicação de tudo aquilo que era diferente da cultura alemã, ou seja, tudo aquilo que, segundo eles, era uma praga, uma deformidade, uma ameaça.

Segundo o historiador Zygmunt Bauman, no texto *Modernidade e Holocausto*, este extermínio não teria acontecido em outra época. Certamente o Holocausto tinha uma série de outros fatores que o justificavam, mas que não seriam suficientes para causar essa situação se o pano de fundo não fosse a modernidade.

Antonio Edmilson e o jornalista Arthur Dapieve concordam com Bauman e consideram o Holocausto não como um desvio, mas como uma possibilidade da modernidade. Para Dapieve, o Holocausto não é um buraco negro na modernidade e o nazismo não aconteceu porque Hitler era um monstro. Ele considera que esta atitude de se colocar à parte do que aconteceu e justificar o nazismo com uma possível loucura de Hitler é perigoso uma vez que reduzimos o projeto nazista a um fenômeno isolado, que só aconteceria de novo se um novo monstro tomasse o poder.

- O autoritarismo e a intolerância são muito presentes na vida cotidiana. O século XX está sempre cortejando o autori-

tarismo. As pessoas sentem a necessidade de um líder - argumenta o jornalista.

A tecnologia, tão valorizada em certos aspectos, permitiu que o extermínio se desse em larga escala e fosse feito de longe, com armas, bombas e aviões. A burocracia, vista como ponto máximo da organização, permitiu que a morte fosse produzida sem que as pessoas parassem para pensar no que estavam fazendo. A divisão de tarefas muito bem definidas impedia o contato pessoal com o fenômeno em si.

"O século XX está sempre cortejando o autoritarismo"

A ciência e a racionalidade, pensadas como salvação, foram essenciais para a linha de produção de morte que era executada seguindo lógicas racionais e justificada com argumentos também racionais. A fábrica do Holocausto era tão produtiva que o campo de extermínio de Auschwitz, na Polônia, chegou a matar 20 mil judeus por dia - uma frustração para o mundo que tinha na modernidade e na racionalidade a ilusão de perfeição e de solução eterna para todos os problemas.

Um período da história mundial que será lembrado para sempre como uma época sombria, de morte e medo. A Segunda Guerra. O Terceiro Reich.

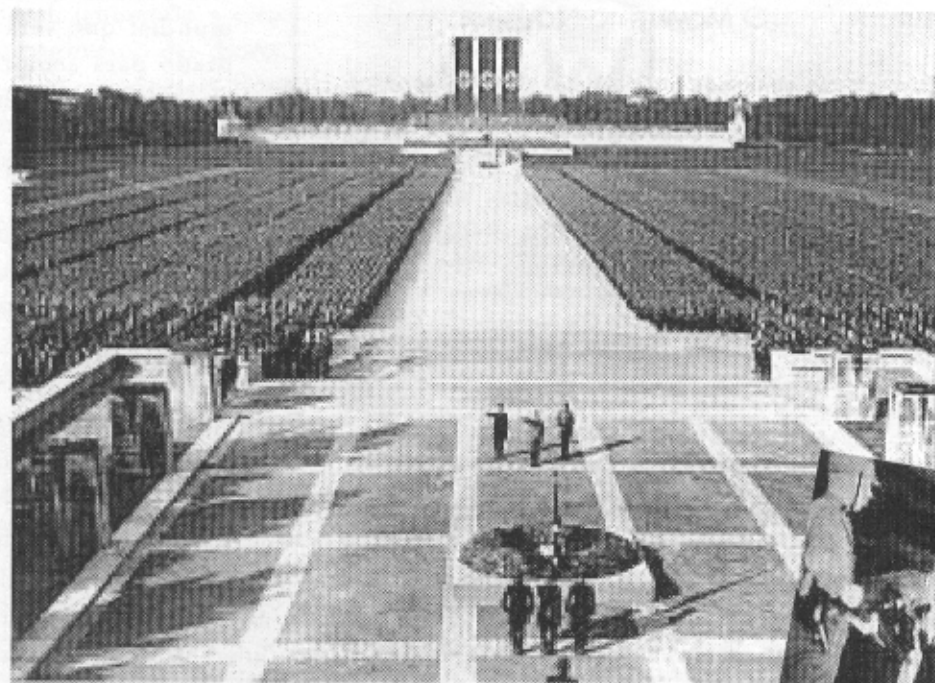
Heil Hitler! Uma análise psicológica

Uma mancha de sangue e adoração. É esta a marca deixada por Adolf Hitler na histó-

ria. Político austríaco nascido em 20 de abril de 1889, o grande *Führer* (líder) da Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial, espalhou o horror e a violência pregando o ódio e o racismo.

Sua vida se confunde com a história da Alemanha. A partir de 1914, quando alistou-se como voluntário na I Companhia de Regimento de Infantaria, ele já traçara dentro de si o destino do país e da Europa. Foi promovido a cabo em março de 1917 e obteve emprego no Departamento Político do VII Exército, em Munique, em 1919, sendo promovido a chefe rapidamente. Em 23 tentou o Putsch em Munique. Fracassado, Hitler foi preso e escreveu o que viria a se tronar a "Bíblia do nazismo": *Mein Kampf* (Minha luta) publicado em 1925.

Hitler foi o resultado de uma soma de fatores políticos, econômicos, sociais, militares e psicológicos. O *Führer* levou à frente uma Alemanha, com poucas exceções, hipnotizada e seduzida por suas palavras, seu olhar e seu carisma. Apontado por muitos como aquele que tinha "o dom da palavra perante as multidões", Hitler conseguiu aliados poderosos, como Eugenio Picelli, núncio papal na Alemanha. No acordo firmado entre eles, o *Reich* autorizava o papado a impor suas regras aos católicos



Fiéis seguidores de uma seita chamada Hitler

Holocausto:
fábrica de mortes



além de dar privilégios ao clero e às escolas católicas. Em troca, a Igreja Católica na Alemanha abstinha-se voluntariamente de qualquer ação social e política. O nazismo elevou-se sem oposição de uma das mais poderosas comunidades católicas do mundo: a alemã. A pergunta que nunca cessa quando se estuda essa história é: como isso foi possível?

A propaganda foi utilizada exaustivamente por Hitler para consolidar o regime. A forma como as vitórias eram tratadas aumentavam a euforia e o fanatismo, ao mesmo tempo que reforçavam o totalitarismo e o poder do *Führer*. "Hitler era paranóico, homicida e genial", garante Rodolpho Maier Junior, professor de redação publicitária do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio. "Goebbels (responsável pela propaganda do Terceiro Reich) armou toda a estratégia de marketing do líder. Mas Hitler se auto-promovia, a ponto de se transformar em um semi-deus."

Conviver com o diferente e minimizar dentro de si a raiva, inerente a todo homem, são as grandes batalhas para aprender a lidar com a própria vida. O que diria, então, Freud se tivesse estudado a personalidade e o pensamento do *Führer*?

Segundo a psicanalista Ana Maria Iencarelli, as palavras e

ações de Hitler refletem o mecanismo de defesa das pessoas. "Seus discursos eram atraentes porque levavam à idealização da perfeição e ao ataque ao diferente. Na idealização da perfeição, os indivíduos buscam não sentir a frustração das próprias imperfeições. Se as imperfeições estiverem no outro, isso retira a sua culpa, você se torna perfeito." - explica. Estaria aí a "justificativa" para o Holocausto. "Se o mal está no outro, ele precisa ser eliminado. Era esse o mecanismo de pensamento", completa Ana Iencarelli.

**"A modernidade
proporcionou a perda
do humanismo"**

Hitler suicidou-se em 30 de abril de 1945 ao lado de sua mulher Eva Braun com quem havia se casado na noite anterior. Seus corpos foram incinerados a pedido do próprio *Führer*. ▼

